



Epístola L

Ao Gentilíssimo e Prudentíssimo Senhor,
Jarig Jelles
B.d.S.

Nota introdutória

Esta epístola é conhecida apenas pela sua tradução latina nas *Opera Posthuma*¹ e sua retradução em holandês nos *Nagelate Schriften*, ambas publicadas por Jan Rieuwertz em 1677. Jarig Jelles (1620 - 1683), a quem a epístola fora endereçada, é um importante comerciante e amigo íntimo de longa data de Spinoza. Jelles também foi quem financiou a publicação dos *Renati Des Cartes Principiorum Philosophiae* (1663)² e quem provavelmente escrevera o *Praefatio* dos *Nagelate Schriften* e, também, a *Admonitio* do *Tractatus De Intellectus Emendatione* (escrito entre 1665-1670 e publicado nas *Opera Posthuma*). A relação de grande proximidade entre Spinoza e Jelles, decerto, deve ter impactado este último no que se refere à sua imagem pública, assim Jelles escreve *Belydenisse des algemeenen en christelyken geloofs* [*Confissão de fé universal e cristã*] com o intuito de responder aos seus detratores, texto redigido em 1673 e enviado nesta data a Spinoza tendo em vista a sua opinião³,

- 1 Utilizamos para esta tradução as *Opera Posthuma*, pp. 557-558 (<https://books.google.fr/books?id=XHN-TAAAAcAAJ&printsec=frontcover&dq=opera+posthuma+spinoza&hl=fr&sa=X&ved=0ahUKEwilgOzyiObgAhX9AWMBHX8kA7kQ6AEIKTAA#v=onepage&q&f=false>). A numeração é a mesma, Epístola L, tanto nas *Operas Posthuma* quanto na edição de Gebhardt.
- 2 Freudenthal, J. *Die Lebensgeschichte Spinoza's*. Leipzig: Verlag Von Veit & Comp., 1899, p. 223: „Dieser Jare Gillis habe auch die Unkosten zu der ersten und andern Edition der Principiorum Cartesii a Spinoza methodo Geometrica demonstratorum hergegeben.“
- 3 O leitor pode observar a epístola 48A, carta em holandês endereçada a Spinoza e publicada em 1684 por Jan Rieuwertz e que constitui o ensaio *Belydenisse des algemeenen en christelyken geloofs*. Há também, no que concerne ao intercâmbio entre Spinoza e Jelles sobre o texto referido, o extrato de carta 48B, escrita em holandês, mas conservada em alemão por Dr. Hallmann e cujo original não nos chegou; e o extrato de carta 48C, que conhecemos pela citação que faz Jan Rieuwertz no epílogo de *Belydenisse des algemeenen en christelyken geloofs*. Pierre Bayle também se referiu a essa carta na nota Y do verbete “Spinoza” em seu *Dictionnaire historique et critique* de 1702 e proferiu o seguinte juízo: “Um tal de Jarig Jelles, íntimo amigo [de Spinoza], suspeito de algumas heterodoxias, creu que a fim de justificar-se devia pôr à luz uma confissão de sua fé. Tendo-a esboçado, ele a enviou a Spinoza e lhe solicitou que escrevesse seu sentimento. Spinoza respondeu-lhe que a tinha lido com prazer e que nada havia encontrado que pudesse modificar.” [*Un certain Jarig Jellis, intime ami, soupçonné de quelques hétérodoxies, crut que pour se justifier il devait mettre en lumière un confession de sa foi. L'ayant dressée, il l'envoya à Spinoza, et le pria de lui écrire son sentiment. Spinoza lui fit sa réponse, qu'il l'avait lue avec plaisir, et qu'il n'y avait rien trouvé où il pût faire des changements.*] (Bayle, P. «Spinoza» In.: *Dictionnaire historique et critique*. Tomo 4. Genève: Slatkine, 1995, p. 266.)

porém somente publicado postumamente em 1684.

De concisa extensão, a epístola é bastante interessante do ponto de vista de sua história efetiva, não só porque já destarte versa sobre a demarcação entre Spinoza e Hobbes e sobre a unidade numérica referida tão-somente à existência e não à essência das coisas, mas também porque a discussão sobre a categoria de *determinatio* teve singular efeito na leitura que Hegel dela faz. Na nota sobre a *qualidade* do capítulo 2 da seção primeira da *Doutrina do ser da Ciência da Lógica* sobre o *Dasein* [existente/ser-aí], o *visto* e o *escrito* de Hegel não só operam a introjeção na fórmula *determinatio est negatio* do adjetivo *omnis*, de sorte que se produz, com sua sobreposição discursiva, um efeito de leitura o suficiente para tergiversar⁴ os caminhos interpretativos da escritura de Spinoza - *omnis determinatio est negatio* [“toda determinação é negação”]; como também corrobora substancialmente para a famigerada querela interpretativa que concebe a estrutura de pensamento de Spinoza sob a insígnia do *acosmismo*, ou seja, através da interpretação segundo a qual Spinoza não teria concedido realidade aos modos finitos ou indivíduos, mas apenas à substância única⁵.

A menção ao «Professor de Utrecht» ao final da epístola diz respeito a Regnerus Van Mansveld (1639-1671), cuja obra publicada postumamente em 1674 e intitulada *Adversus Anonymum Theologico-Politicum Liber Singularis* consta no inventário de livros de Spinoza⁶, malgrado ele nos diga que não a havia adquirido.

Quanto à tradução, mantenho entre colchetes termos que eventualmente podem gerar controvérsias e, quando necessário, saliento em notas (N.T.) certas diferenças com a versão holandesa. Marco através de “[...]” a lacuna do texto original.

4 Para observar a recepção germânica de Spinoza cf.: Morfino, V. *Genealogia di un pregiudizio. L'immagine di Spinoza in Germania da Leibniz a Marx*. Hildesheim/Zürich/New York: Georg Olms Verlag, 2016. Também, cf.: Solé, M. J. *Spinoza en Alemania (1670-1789). Historia de la santificación de un filósofo maldito*. Córdoba: Editorial Brujas, 2011.

5 “A determinidade é a negação posta como afirmativamente, é a proposição de Spinoza: *omnis determinatio negatio est*. Essa proposição é de importância infinita; apenas a negação como tal é a abstração sem forma; à filosofia especulativa, porém, não precisa ser atribuída a culpa de que, nela, a negação ou o nada seria um último; isto lhe é tão pouco o verdadeiro quanto a realidade.” [Die Bestimmtheit ist die Negation als affirmativ gesetzt, ist der Satz des Spinozas: **Omnis determinatio est negatio**, dieser Satz ist von unendlicher Wichtigkeit; nur ist die Negation als solche die formlose Abstraction; der speculativen Philosophie muß aber nicht Schuld gegeben werden, daß ihr die Negation oder das Nichts ein Letztes sey; diß ist es ihr so wenig als die Realität das Wahrfhafte.] (Hegel, G. W. F. *Wissenschaft der Logik*. In.: *Hauptwerk in sechs Bänden*. Band 3. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2015, p. 101. Trad. pt. *Ciência da Lógica. A doutrina do ser*. Petrópolis/Bragança Paulista: Editora Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2016, p. 79.) Para uma síntese da interpretação hegeliana de Spinoza cf.: Hegel, G. W. F. *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie* III. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1986, pp. 157-196.

6 Freudenthal, J. *Die Lebensgeschichte Spinoza's*. Leipzig: Verlag Von Veit & Comp., 1899, p. 161.

B.D.S.

Epistola L.

Viro Humanissimo, atque Prudentissimo

B. d. S.

Versio

Humanissime Vir,

[1] Quantum ad Politicam spectat, discrimen inter me, & Hobbesium, de quo interrogas, in hoc consistit, quòd ego naturale Jus semper fartum tectum conservo, quòdque Supremo Magistratui in quâlibet Urbe non plus in subditum juris, quàm juxta mensuram potestatis, quâ subditum superat, competere statuo, quod in statu Naturali semper locum habet.

[2] Porrò, quod demonstrationem attinet, quam ego in Appendice Geometricarum in Cartesii Principia demonstrationum stabilio, nempe Deum non, nisi valdè improprie, unum, vel unicum dici posse; respondeo, rem solummodò existentiae, non verò essentiae respectu unam, vel unicam dici: res enim sub numeris, nisi postquam ad commune genus redactae fuerunt, non concipimus. Qui, verbi gratiâ, sestertium, & imperialem manu tenet, de numero binario non cogitabit, nisi hunc sestertim, & imperialem uno, eodemque, nempe numerorum, vel monetarum, nomine vocare queat: nam tunc, se duos nummos, vel monetas habere, potest affirmare; quoniam non modò sestertium; sed etiam imperialem nummi, vel monetae nomine insignit. Hinc ergo clarè patet, nullam rem unam, aut unicam nominari, nisi postquam alia res concepta fuit, quae (ut dictum est) cum eâ convenit. Quoniam verò Dei existentia ipsius sit essentia, deque ejus essentiâ universalem non possimus formare ideam, certum est, eum, qui Deum unum, vel unicum nuncupat, nullam de Deo veram habere ideam, vel improprie de eò loqui.

[3] Quantum ad hoc, quod figura negatio, non verò aliquid positivum est; manifestum est, integram materiam, indefinitè consideratam, nullam posse habere figuram; figuramque in finitis, ac determinatis corporibus locum tantùm obtinere. Qui enim se figuram percipere ait, nil aliud eo indicat, quàm se rem determinatam, & quo pacto ea sit determinatam, concipere. Haec ergo determinatio ad rem juxta suum esse non pertinet: sed econtra est ejus non esse. Quia ergo figura non aliud, quàm determinatio, & determinatio negatio est; non poterit, ut dictum, aliud quid, quàm negatio, esse.

[4] Librum, quem Ultrajectinus Professor in meum scripsit, quique post obitum ejus luci expositus est, è fenestrâ Bibliopolae pendentem vidi; & ex paucis, quae tum temporis in eo legeram, eum lectu, multò minùs responsione indignum judicabam. Relinquebam ergo librum, ejusque authorem. Mente, subridens volvebam signarissimos quosque passim audacissimos, & ad scribendum paratissimos esse. Mihi **** merces suas eodem modo, ac Propolae, venum exponere videntur, qui semper, quod vilius est, primo loco ostendunt: Ajunt, Diabolum esse vaserrimum; mihi verò, eorum genius longè hunc vafritie superare videtur. Vale.

Hagae Comitum 2. Junii 1674.

Epístola L

Ao Gentilíssimo e Prudentíssimo Senhor,

Jarig Jelles

B.d.S.

Versão

Gentilíssimo senhor,

[1] No que concerne à Política, a discordância entre Hobbes e eu, sobre a qual me interroga, consiste nisto: que eu conservo o Direito natural sempre-já-ai [*semper... fartum tectum*]⁷, que estatuo que compete a cada Supremo Magistrado, em qualquer Cidade, não mais de direito sobre o súdito que a justa medida de poder, pela qual ele supera o súdito, porque assim é no estado de Natureza.

[2] Doravante, no que se atém à demonstração que estabeleço no *Apêndice aos Princípios de Descartes demonstrados geometricamente*, justamente que não se pode dizer que Deus é um ou único senão muitíssimo impropriamente; respondo que somente se diz uma ou única coisa a respeito da existência e não, de fato, a respeito da essência: com efeito, não concebemos as coisas sob números senão depois que foram reunidas num gênero comum. Quem, por exemplo, tem na mão um sestércio e um imperial não pensará no número dois, a não ser que possa chamar este sestércio e imperial de um e mesmo, justamente de “números” ou de “moedas”, então porque tem dois “numos” ou “moedas” assim pode afirmar, uma vez que assinala [*insignit*] pelo nome “numos” ou “moedas” o sestércio e o imperial. Disso é nitidamente patente que nenhuma coisa se nomeia uma ou única a não ser depois que outra coisa foi concebida, a qual (como se diz) com ela convém. Uma vez que, de fato, a existência do próprio Deus é essência, de todas as maneiras não se poderia formar uma ideia universal dele pela essência e é certo que aquele que pronuncia que Deus é um e único, não tem nenhuma ideia verdadeira sobre Deus ou fala sobre Ele impropriamente.

[3] Quanto a isso, que a figura é negação e não, de fato, algo de positivo, é manifesto que a inteira matéria, indefinidamente considerada, não pode ter nenhuma figura, ela somente obtém a figura nos finitos e o lugar nos corpos determinados. Quem, com efeito, diz que percebe uma figura, não indica que concebe nada a não ser uma coisa determinada e como [*quo pacto*]⁸ ela se faz determinada. Logo, essa determinação não pertence à coisa justaposta [*juxta*] pelo seu ser, mas, pelo contrário, pelo seu não-ser⁹. Portanto, porque a figura não é senão determinação, e a determinação é negação, ela não poderá ser, como

7 N.T.: Na retradução holandesa nos *Nagelate Schriften*, esta construção, que contém a expressão *fartum tectum*, aparece da seguinte maneira: “(...) dat ik het naturelijk recht altijd in zijn geheel laat, (...)”. Sua tradução literal seria: “(...) que eu deixo o direito natural sempre em sua inteireza (...)”.

8 N.T.: A retradução de *quo pacto* nos *Nagelate Schriften* é a seguinte: “Want de geen, die zegt dat hy een gestalte bevat, wil daar meê niets anders te kennen geven, dan dat hy een bepaalt ding, en hoedanig het bepaalt is, bevat.” E sua tradução literal seria: “Porque aquele que diz que concebe/capta uma figura não quer expressar com isto outra coisa que concebe/capta uma coisa determinada e como é determinada”. A construção “(...) en hoedanig het bepaalt is (...)” traduz “& quo pacto ea sit determinatam”.

9 N.T.: A construção “Haec ergo determinatio ad rem juxta suum esse non pertinet: sed econtra est ejus non esse.” é retraduzida nos *Nagelate Schriften* assim: “Deze bepaling dan behoort niet aan het ding naar zijn wezen: maar in tegendeel, zy is het nietweezen daar af.” Sua tradução literal seria: “Essa determinação, então, não pertence à coisa pela sua essência, mas, pelo contrário, ela está aí a partir do não-ser.” Todavia, a tradução da versão latina seria: “Logo, esta determinação não pertence à coisa justaposta ao seu ser, mas, pelo contrário, é de seu não ser.”

dizem, senão negação.

[4] Exposto na vitrine de uma livraria, vi o livro que o Professor de Utrecht escreveu contra o meu, que veio à luz após sua morte. E, pelo pouco que eu lera naquele momento, julguei que não merecia lê-lo e muito menos respondê-lo. Deixei o livro repousar, assim como seu autor. Pensando [*In Mente*]¹⁰, considerava sorrindo que os que são ignorantísimos também aqui e ali são muitíssimo audaciosos e preparados para escrever. Para mim [...] parecem expor suas mercadorias à venda do mesmo modo que os Comerciantes, que sempre mostram em primeiro lugar o que é mais barato. Dizem que o Diabo é astuciosíssimo; para mim, de fato, o gênio deles parece superá-lo de longe em astúcia. Tchau.

Haia, 2 de junho de 1674.

Tradução e nota introdutória:
Diego Lanciote

Sistema de Avaliação: revisão por pares “duplo-cego” (*Double Blind Review*).
Recebido em 18/11/2018. Aprovado em 18/02/2019.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

10 Na retradução holandesa não há “*In Mente*”, a construção começa diretamente com “Eu considerarei (...)” [*Ik overwoog (...)*].